



# RIO DOCE ILHADOS, MAS NÃO ISOLADOS

## Encontro das águas

Na foz do rio, em Linhares, Elias vive com a mulher e os três filhos, do cultivo do cacau. FOTO: Gildo Loyola

## Famílias vivem ao longo do rio, entre Minas e Espírito Santo

✶ **ZENILTON CUSTÓDIO**  
zcustodio@redgazeta.com.br

Morar numa ilha, cercada de belas paisagens por todos os lados, longe do trânsito, dos perigos, do estresse... É assim que vivem várias famílias de diversas ilhas ao longo dos 853km do Rio Doce, entre Minas Gerais e o Espírito Santo. Mas isso não significa que estão isoladas: graças a um sistema de energia elétrica e a antenas de TV, elas se mantêm ligadas a tudo o que acontece no mundo.

Ninguém sabe dizer ao certo quantas ilhas há no trecho. Grande parte das que são habitadas funciona como extensão das atividades rurais, e muitos moradores são contratados como caseiros.

No arquipélago da Foz do Rio Doce, em Linhares, predomina o cultivo do cacau. É o caso da ilha onde vivem Elias Paulo dos Santos, 43, a mulher e três filhos. Na área – cuja extensão equivale a 30 campos de futebol –, são cultivados 18 mil pés, e a produção anual é de 250 sacas.

“Plantamos também milho, feijão, hortaliças e criamos galinhas”, diz Elias, baiano que há oito meses deixou as lavouras de cacau da Bahia.

É de barco a remo ou a



Na rotina de quem mora nas ilhas, como Gildson Ferreira e a filha, e Elias dos Santos, passeios de barco e peixe sempre na mesa

motor que quem mora na região costuma ir à “rua” – termo usado para se referir ao continente – pelo menos uma vez por semana. Normalmente, o objetivo é fazer compras, ir a alguma festa, ou praticar outra atividade como a pesca.

O lavrador Gildson Ferreira de Jesus, 28 anos, usa o barco a remo diariamente.

### Em Valadares, espaço é área nobre

✶ **O processo de ocupação das ilhas do Rio Doce não está relacionado apenas à produção agrícola. Em Governador Valadares (MG), por exemplo, o bairro mais nobre do município ocupa uma**

te. Ele e a mulher, Jocasta, de 23 anos, levam os filhos – de 8 e 6 anos – para o outro lado do rio, onde as crianças pegam o ônibus escolar.

A embarcação – de 5m de comprimento – também é usada quando a terceira filha do casal, de 2 anos, insiste em passear pela ilha, onde a família vive há quatro meses na con-

**dessas áreas, com uma população de cerca de 15 mil pessoas. Trata-se da Ilha dos Araújo, cuja ocupação foi iniciada há 50 anos. Hoje, o local é uma das áreas mais valorizadas do município.**

dição de caseiros.

Mas transitar pela região exige cuidado. Se na época das enchentes há risco de se ser expulso de casa pela água, na de estiagem as condições de navegação são difíceis.

Até o guia para esta reportagem – o pescador Adnaldo Daniel Alves, o Grilo, 30, que desde criança cruza o manancial – foi surpreendido por dificuldades enquanto conduzia um barco a motor.

“O rio é cheio de estradas invisíveis. Se sair de uma delas pode se dar mal”, comenta. Mas, no rio, é quase impossível não se distrair diante de tanta beleza, com direito até a gaiotas, papagaios e tucanos cruzando o céu.

## Número de ilhas variou com o tempo

✶ Não se sabe ao certo qual a dimensão da área física que as ilhas do Rio Doce representam e a riqueza que geram. O único estudo encontrado sobre as ilhas está relacionado a uma tese de doutorado desenvolvida pelo geógrafo André Luiz Nascimento Coelho, professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 2007.

Na pesquisa, que compreende o período entre 1977 e 2005, ele faz uma análise sobre o trecho localizado na região do mé-

dio-baixo Rio Doce, que tem cerca de 170 quilômetros e que foi dividido em quatro segmentos.

Comparando imagens de satélite, ele constatou o seguinte: no primeiro segmento, o número de ilhas foi reduzido de 9 para 6, no segundo trecho, diminuiu de 21 para 18, e no terceiro, também houve redução de 44 para 38 e, apenas no último segmento, que se estende da ponte de Linhares à foz do rio, entre Povoação e Regência, o número de ilhas aumentou de 37 para 48.

GILDO LOYOLA